

## Contribuição do Movimento dos Focolares à Secretaria do Sínodo

### 1. INTRODUÇÃO

#### ***Percurso em dois níveis: com a Igreja local e dentro do Movimento***

Os membros do Movimento dos Focolares (Obra de Maria) vivenciaram o processo Sinodal a partir de uma dupla perspectiva:

- inseridos em consultas diocesanas, colaborando em propostas locais voltadas principalmente para a escuta de realidades externas à vida eclesial (*Itália e outros países europeus*), promovendo e sensibilizando a participação (*Hong Kong e Macau*), empenhando-se nas realidades eclesiais em vários níveis (conferências episcopais, dioceses, paróquias e instituições católicas), onde os membros da Obra de várias vocações já colaboram (*África*). Na Terra Santa, 13 movimentos e novas comunidades se reuniram em vários momentos em torno do tema: *Sinodalidade e contribuição que os movimentos e as novas comunidades podem dar ao caminho sinodal da Igreja da Terra Santa*. No Brasil alguns se aproximaram dos mais carentes e discriminados para “não perder ninguém”. Foram envolvidos também irmãos de outras Igrejas, criando um clima de reciprocidade, gerador de comunhão (*México, Caribe, América Central e Andina*).
- partícipes do processo sinodal como família da Obra de Maria.

Este resumo focalizará a segunda perspectiva, apresentando os resultados da experiência vivida dentro do Movimento dos Focolares.

#### ***Valor da experiência***

A experiência foi vivida como: «*início de um novo caminho, que é necessário continuar*» (*Europa*), «*dedicação e esforço para concentrar a participação dentro do Movimento em consonância com a Igreja*» (*Ásia*), «*ocasião para fazer um exame de consciência sobre o estilo de vida*» (*África*), «*um caminho com responsabilidade e alegria*» (*Brasil*).

Na Itália, um grande número de grupos (58%) dedicou-se em abordar as questões da escuta e do diálogo. Nota-se, a partir das contribuições, que os encontros realizados se transformaram em verdadeiros workshops, nos quais se redescobriu o valor da reciprocidade. A maioria das respostas sobre ouvir as aspirações e o grito da humanidade sofredora referia-se à escuta interpessoal, o que significa que o primeiro "grito", que devemos aprender a ouvir, é o daqueles que nos rodeiam.

O percurso sinodal foi uma grande oportunidade para olhar para a nossa

caminhada juntos (*Europa*): «A descoberta e o dom do Sínodo: procuramos responder às perguntas e, enquanto isso, descobrimos quanto bem nos fez falar destes vários temas! Obrigado, Sínodo!» (*Rússia-Europa Oriental*).

O Sínodo nos mergulha num processo de transformação das nossas formas de ser e de fazer: parar, repensar e dar de forma criativa uma resposta atualizada às perguntas do homem de hoje, fiéis ao evangelho (*Cone Sul da América*).

«Os momentos de troca foram uma experiência bela, nova e enriquecedora. Refletir juntos sobre as questões propostas foi uma oportunidade para a sinodalidade.»  
«Entendemos que caminhar juntos também significa fazer boas escolhas dos companheiros de viagem.» (*Oriente Médio, África*)

A experiência do processo sinodal não foi apenas de reflexão, mas também de conversão. O Sínodo nos convida a olhar para a frente, mas também para trás e para os lados, para vermos quem deixamos pela estrada (*Cone Sul*).

### **As luzes do percurso**

Entre as luzes "experimentadas" encontramos principalmente a experiência de escuta profunda, aberta e acolhedora, o diálogo construtivo e a comunhão fraterna, enraizados no amor a Jesus crucificado e abandonado (cf. MC 15, 34), a coragem de sonhar juntos, mas também a audácia de "pôr o dedo" nas nossas feridas. E se experimenta que assim chegamos a uma comunhão mais profunda com Ele, através da troca sincera de pontos de vista, de pensamentos... Opiniões diferentes nos ajudam a refletir, mesmo que nem sempre as entendamos completamente. Veio em evidência que o espírito de família proposto pelo Movimento é muito desejado e, em muitas partes, já é vivido de maneira simples e concreta (*Europa*).

As comunidades da Ásia Oriental relatam que redescobriram o quanto o carisma da unidade ilumina as suas próprias culturas, oferecendo uma renovada compreensão da espiritualidade da comunhão, espelho da Igreja sinodal, e lhes deu uma coragem nova diante dos numerosos desafios da Obra de Maria, da Igreja e da humanidade. Este trabalho está abrindo os nossos horizontes: temos que nos conscientizar da importância do envolvimento dos membros da Obra nas realidades eclesiais locais; valorizá-los, encorajá-los e apoiá-los. Era importante ter consciência desse momento histórico da Igreja e dar os passos que ela esperava de nós (*África*).

No caminho de conversão para o qual o Sínodo nos convida, entendemos que aquilo que às vezes chamamos de "periferia" (existencial, geográfica, cultural, etc.), resultado de um olhar autorreferencial, pode se tornar o "centro". Da África nos escrevem: "entendemos que temos que trabalhar ainda mais para alcançar as comunidades distantes dos centros e das grandes cidades". Em segundo lugar, reconhecer a ideia de revitalizar o centro (em vez de apagá-lo), porque existem valores e estruturas que devem ser reavivadas.

### **As sombras do percurso**

Em algumas áreas geográficas houve a dificuldade relacionada ao tempo disponível para a consulta.

Entre os pontos fracos identificados durante o percurso, apontamos:

- A linguagem estereotipada, não atenta a quem nos ouve.
- O perigo de ficarmos fechados em nós mesmos.
- As tensões e polarizações existentes na sociedade, experimentadas também entre nós.
- O peso da escuta das opiniões e das tendências sociais das maiorias, em comparação com o ensinamento da Igreja.

## 2. CORPO DA SÍNTESE: DISCERNIMENTO DAS CONTRIBUIÇÕES COLETADAS

Bem conscientes da riqueza do que emergiu da consulta, optamos por uma compilação das contribuições de todos os continentes de acordo com *cinco pares de núcleos temáticos*. Apesar de correremos o risco de repetir conceitos semelhantes, preferimos evitar uma sistematização forçada que arriscaria unificar diferentes nuances ou perspectivas culturais. As origens geográficas são indicadas entre parênteses.

### **2.1 Caminho e missão**

#### ***Caminhando juntos***

Caminhar juntos descreve bem o *estilo* que distingue um membro do Movimento dos Focolares. Durante os retiros e os diferentes *fóruns* somos formados de acordo com a "espiritualidade de comunhão" que nasce do carisma da unidade. Tal espiritualidade prevê um momento de "correção fraterna" (cf. Mt 18, 15-17), que chamamos de "hora da verdade"; colóquios privados; meditação diária e partilha das experiências suscitadas pela vida da palavra de Deus lida e meditada (*América do Norte*). Nós nos sentimos parte da humanidade em caminho, onde os companheiros de viagem são aqueles com quem compartilhamos um trecho de estrada, no Movimento, em todos os lugares. A espiritualidade da unidade nos impulsiona para uma experiência inclusiva e solidária com todos, mesmo que de diferentes perspectivas (*Itália-Europa*). Em particular, estamos próximos daqueles que querem compartilhar a vida espiritual, familiar, profissional, religiosa e outras coisas, mas também, "num sentido mais amplo, com todos aqueles que amam a Deus e aspiram a realizar as palavras de Jesus: "que todos sejam um (*ut omnes*)" (*Oriente Médio*) e com «... todos aqueles que amam a Deus, que acreditam na santidade da vida.» (*Centro-Oeste da África*).

***Um povo diversificado e aberto a todos... mas nem sempre é fácil***

Na Europa, e não só, o Movimento dos Focolares tem um caráter claramente ecumênico, com membros e aderentes católicos, luteranos, reformados, membros de Igrejas livres e ortodoxos. Estas diferenças não nos impedem de nos sentirmos um "povo" com diferentes idades e vocações, uma família atenta a não "perder ninguém". No entanto, às vezes descobrimos que a agitação dos nossos tempos, a disparidade social ou cultural, situações extremas no país em que vivemos, podem causar um afrouxamento das relações e o risco de olhar as pessoas de acordo com padrões predefinidos rigorosos. A comunhão abrange também outras realidades eclesiais, ordens religiosas, associações e movimentos, também de natureza cultural e social. O compromisso é ficar atentos às necessidades das pessoas próximas e distantes, encorajando o diálogo mesmo com aqueles que não têm uma convicção religiosa. A este respeito, são significativos os caminhos compartilhados entre as comunidades e os movimentos europeus (*Juntos pela Europa*) e o compromisso do Movimento Político pela Unidade (*Europa, Brasil, Cone Sul*).

Os membros do Movimento na região da Ásia reconhecem que, às vezes, pessoas de certa orientação sexual, ou pessoas simples e sem instrução, que não sabem ou não podem usar os meios de comunicação, são excluídas. Uma preocupação compartilhada por muitos está relacionada ao risco de uma certa autoexclusão, quando alguns membros permanecem engajados apenas nas atividades do Movimento (*Ásia*). Nas Filipinas, no Sudeste asiático e no Paquistão, muitos estão empenhados no serviço social aos pobres, à Igreja, às comunidades religiosas, tanto em nível pessoal como comunitário, também em colaboração com outras comunidades eclesiais e organizações civis. Sobre a Índia, relata-se a permanência de um modelo social que não oferece o mesmo espaço de liberdade e participação (por exemplo, mulheres e pessoas com *status social* pouco reconhecido). O Movimento sente que deve priorizar a ajuda às mulheres e aqueles com dificuldades psicológicas (*Ásia*). «...excluímos aqueles que têm ideias diferentes (por exemplo, homossexuais). Infelizmente, pessoas com problemas mentais, às vezes, são excluídas.» (*Centro-Oeste da África*)

### ***Cuidar da vida comunitária e da missão: um desafio***

Às vezes, por um lado, prevalece uma certa gestão burocrática das questões que afetam a comunidade local e, por outro, iniciativas mal combinadas, espontâneas, realizadas individualmente, compartilhadas só depois de feitas. As pessoas que se aproximam de nossas comunidades muitas vezes não se envolvem, e o mesmo acontece como os jovens. Se "excluir" parece uma expressão forte, às vezes não conseguimos trabalhar em conjunto com aqueles que têm outro referencial cultural ou religioso. Excluímos quando não sabemos integrar ou dar um lugar no trabalho a ser feito em conjunto (*Cone Sul*).

Na cultura norte-americana atual, politicamente polarizada, temos muita dificuldade em estabelecer pontos de contato com aqueles em nossas comunidades

que expressam pontos de vista que refletem a *mídia* radicalizada, contrária à mensagem do Evangelho e/ou contra os ensinamentos do Papa Francisco. Um obstáculo ao engajamento é a tendência a "privatizar" a vida religiosa e a espiritualidade, a ponto de ser difícil compartilhar nossos compromissos com pessoas fora de nossos círculos. Durante o *lockdown*, muitas famílias não tinham dinheiro para comprar comida e por isso colaboramos com os políticos locais e assumimos algumas tarefas para buscar recursos para a comunidade, trabalhando em conjunto com outras Igrejas e agências cristãs, criando, passados dois anos, um vínculo mais profundo com eles (*América do Norte*).

No Brasil não existe um único modo de viver a vida da comunidade; cada um decide como realizar os encontros (por exemplo, o encontro da Palavra de Vida: leitura, meditação e partilha das experiências), em bairros ou capelas distantes do centro da cidade, diversificando o *formato*, com um espaço de acolhimento, escuta e diálogo, ensaios de cantos, partilha e reflexão sobre a prática da vida cristã. Todos são convidados: aqueles que participam da vida paroquial e diocesana, os da *Fazenda da Esperança*, todas as pessoas que desejam, tentando não excluir ninguém em nossas ações e projetos. No entanto, parece necessário abrir-se ainda mais nas relações interpessoais, pois em algumas situações percebe-se certa distância e isolamento quando é necessário atuar como comunidade. Há momentos de comunhão em que as diferenças de opinião podem gerar um renovado exercício na busca da unidade. Infelizmente, em diferentes situações, excluímos alguém, não nos dedicamos o suficiente para implementar a proximidade com todos, por exemplo, com aqueles que não têm acesso às tecnologias, não têm escolaridade ou não têm uma articulação argumentativa refinada, com aqueles que pensam de forma diferente. Somos frágeis e não se pode negar que existe o risco de querer dialogar apenas com quem tem mais afinidade conosco (*Brasil*).

*"(Uma maior) abertura para acolher a todos abre para a possibilidade de mudanças necessárias para que todos se sintam em família e aqueles que têm convicções religiosas reconheçam cada vez mais que aqueles que têm outras convicções são reconhecidos também como herdeiros do testamento de Jesus (cf. Jo 17, 21). Assim como procuramos reconhecer a identidade dos outros, também desejamos que a nossa seja reconhecida" (Grupo de diálogo com pessoas de convicções não religiosas - Brasil). "Involuntariamente, tendemos a excluir aqueles que são diferentes ou pensam de maneira diferente. Na verdade, temos poucos relacionamentos com pessoas de outras Igrejas e religiões. Não buscamos aqueles que se declaram incrédulos ou não nos querem, ou aqueles que se afastaram do Movimento..." (Oriente Médio)*

### **Formar-se para sair em direção de todos**

*«...Falta-nos formação para chegar a todos. Há uma necessidade crescente de sair ao invés de ficar bem apenas entre nós.»* Sentimos a necessidade de uma profunda formação espiritual e humana para adquirir uma maior abertura, para alargar o

coração e para sermos capazes de abraçar a todos, para superar nossos esquemas (*Oriente Médio*).

Nem sempre usamos a linguagem certa para incluir ou dialogar com aqueles que vêm de *experiências* ou perspectivas diferentes. Temos que continuar a procurar novas maneiras de alcançar os outros. Daqui nasce a necessidade de um esforço para estarmos mais atentos ao diálogo ecumênico e inter-religioso (*América do Norte*).

Na comunidade do leste asiático, alguns observam que gastamos tempo e energia em formação sem, no entanto, desacelerar o ritmo agitado da sociedade de hoje, que nos faz acreditar que não temos tempo para aqueles que sofrem. Às vezes, não temos coragem de nos opor publicamente aos pseudo-valores e práticas da sociedade que prejudicam o bem comum, por exemplo, o meio ambiente (*Ásia*).

## **2.2 Palavra e Eucaristia**

### ***Partilhar a Palavra, as experiências de vida, o pão eucarístico***

Em todo o mundo, a pandemia nos forçou a parar e dar mais valor à oração. As orações *online* entre diferentes grupos (Terço pelo Mianmar, pelo fim da guerra na Ucrânia, o terço das famílias da América Latina pelo fim da pandemia e as orações em preparação para a Assembleia Geral 2021, etc.) foram fielmente realizadas nos últimos dois anos. Tivemos muito em mente uma indicação de Chiara Lubich: "*Viver as três comunhões*", ou seja "*deixar-se viver pela Palavra, receber a Eucaristia para ser cada vez mais Jesus e comunicar-se com o irmão para que cresça o amor recíproco*". Nutrir-nos da Palavra e da Eucaristia impele-nos à oferta gratuita do nosso tempo e da nossa própria vida. Ouvir a palavra de Deus e compartilhar as nossas experiências às vezes se reduz a um desabafo pessoal e à busca de soluções rápidas para os problemas. Essa atitude superficial exige dos outros uma escuta atenta, livre da preocupação de dar respostas imediatas, amar o outro com uma participação em sua experiência feita de empatia e amor. A participação assídua na missa para se aproximar da mesa da Palavra e da Eucaristia possibilita recomeçar com mais ímpeto para traduzir em gestos diários o amor recebido de Deus (*Itália-Europa*). No entanto, a celebração nem sempre se mostra atraente, não é vivida como um encontro com Jesus e com os irmãos. Há textos que são lidos, mas não compreendidos, as homilias não ajudam a fazer isso, os leigos não são formados suficientemente - bíblica e teologicamente - sobre o significado dos sacramentos (*Itália-Europa-América do Norte*).

Nas comunidades onde há membros de outras Igrejas, rezar mais juntos às vezes parece "católico demais", enquanto compartilhar a vida que brota da Palavra de Deus e comunicar experiências é muito mais intenso (*Europa*). Os nossos encontros incluem frequentemente a celebração eucarística e/ou momentos de oração ecumênica ou inter-religiosa. (*África-Oriente Médio*).

Em vários países da África, programas mensais de rádio são organizados com a leitura da Palavra de Vida do mês e a partilha de experiências vividas. Na Ásia, há uma

atenção em garantir que as reuniões não sejam estereotipadas. As práticas de viver e compartilhar as experiências sobre a Palavra de Vida mensalmente são consideradas um poderoso meio de evangelização.

Na Índia, é necessário melhorar a forma como as reuniões são organizadas. Aqueles que se reconhecem no contexto da cultura asiática sentem o compromisso de superar o limite que os leva a ficar calados e a não falar das dificuldades, a usar espaços públicos de encontro fora dos lugares sagrados e a incentivar o envolvimento de jovens que se sentem mais livres. A comunidade filipina sugere a adoção de um estilo sinodal nas reuniões, em que os processos de escuta e construção de relações vêm antes do programa. No Brasil, há um desejo de retornar continuamente à prática de escrever e contar nossas experiências como resultado da Palavra vivida, também usando tecnologias e *redes sociais*. Existem alguns grupos virtuais nos quais essa partilha de experiências da Palavra é feita constantemente. É muito significativa a experiência com vários prisioneiros seguidos pelas nossas comunidades, os quais olham para a Eucaristia como fonte de vida para a sua vida quotidiana.

### **2.3. Escuta e diálogo**

#### ***Aprende-se a ouvir, ouvindo***

*"A espiritualidade nos ensinou a arte de ouvir, mas podemos melhorar." (Oriente Médio). "O nosso estilo de comunicação promove a escuta mútua e a participação de todos em nossos encontros, homilias, conferências, palestras e diálogos os mais diversos. A escuta existe, mas precisa muito ser melhorada. A escuta do outro é ameaçada pelo individualismo. Precisamos melhorar o diálogo, falando diretamente com as pessoas envolvidas." (África Oriental)*

Quando experimentamos que somos uma "família de famílias", sentimos que estamos avançando na fé; cada um se sente livre para dar a seus irmãos e irmãs sua vida, para carregar os fardos ou alegrias uns dos outros. No entanto, é necessário primeiro estabelecer um clima de benevolência e, só então, se necessário, intervir delicadamente para complementar e/ou corrigir. Acreditamos na 'parrésia', mas vemos que às vezes, por medo de ser indelicado, ela é substituída por uma falsa prudência. Sentimo-nos chamados a uma purificação que requer um modo de relacionamento mais autêntico, transparente e sem hipocrisia (*Itália, Europa*).

Os obstáculos à escuta e ao diálogo são: a cultura da suspeita, a superficialidade nos relacionamentos, a falta de humildade, o parar nas aparências, o esquecimento das condições psicológicas do outro, os preconceitos, muita atenção aos resultados e não à pessoa, os ritmos frenéticos, a resposta pronta, não saber desistir de suas opiniões iniciais, fechamentos mentais, fundamentalismo, clericalismo, defesa das próprias convicções, falta de misericórdia, de respeito, de atenção, de aceitação, de parrésia, de humildade, de coragem, de clareza, de empatia, de silêncio, de disponibilidade, de estima (*Itália, Europa, Américas, Oriente Médio, Ásia e África*)

«Reconhecemos que nossa escuta é limitada porque é condicionada por crenças, temperamentos pessoais e heranças culturais que levam ao silêncio quando se trata de expressar algo negativo. Temos muito a amadurecer. Só às vezes conseguimos enfrentar os conflitos e falar a verdade com caridade.» (Brasil).

### **Parrésia e diálogo no mundo de hoje**

Nas relações entre nós há muita informação unidirecional, incluindo a informação das mídias e nem sempre é possível viver uma troca fraterna. Às vezes, ouvimos respeitosamente o ponto de vista do outro, reconhecemos e aceitamos, mas não mudamos as ações ou as decisões. Em alguns círculos, o obstáculo é o clericalismo ou a ideia de que "sempre foi assim.» (Cone Sul)

"Estamos aprendendo a dizer nossos pensamentos abertamente, não estamos acostumados porque até recentemente isso era impensável. O diálogo entre nós ainda não é uma cultura. Ainda mais difícil é quando temos que contradizer a ideia de outro, quando nos parece que alguém entre nós diz coisas erradas. Depois, há o risco de que as decisões necessárias não sejam tomadas.» (Europa Central)

Tomar a iniciativa em relacionamentos difíceis e "ouvir" parece-nos uma contribuição peculiar que os membros do Movimento podem oferecer. Isso requer formação ao diálogo para abraçar a diversidade, estar aberto a críticas, falar mais abertamente sobre questões éticas, celibato de padres, casamento, questões de gênero e outras coisas (Europa Ocidental).

"Em países onde não há plena liberdade de expressão, prefere-se ficar calado para não criar situações embaraçosas e, por isso, às vezes não se aprofunda." (Europa Oriental)

O sudeste asiático e o Paquistão apontam que a falta de empatia, preconceito, insensibilidade em relação às pessoas necessitadas e questões pessoais parecem impedir os membros de ouvir aqueles que sofrem e isso leva ao julgamento, à indiferença e à rejeição.

Às vezes, temem-se as discussões para "esclarecer ideias", pensa-se que elas criem conflitos. O preconceito, a comodidade, a indiferença e a insensibilidade são os maiores obstáculos à inclusão (México, Caribe, América Central e Andina). Às vezes "há hipocrisia, mas não maldade. Diz-se "Sim" (hader) por gentileza, porque não se quer ofender as pessoas...» (Oriente Médio)

### **O encontro com os outros, redescobrimo a própria identidade**

Em todos os contextos, as comunidades do Movimento buscam relacionamentos de colaboração e diálogo com pessoas de todos os credos e convicções.

Experiências de diálogo na Ásia existem nas Filipinas e Cingapura, com colóquios sobre o diálogo inter-religioso com os *Casais de Cristo*, encontros inter-religiosos com estudantes, diálogos com outras Igrejas e outros grupos religiosos através de atividades sociais como "*Laudato Si'*", *Living Peace*, etc. No leste asiático, o programa de diálogo político na Coreia do Sul ajudou os membros do Movimento a entender as

posições políticas dos outros. Em Macau, a Igreja Anglicana atua efetivamente como uma ponte entre católicos e membros de outras denominações cristãs. Em Taiwan, o diálogo cultural promove as conferências e a cooperação com as universidades (são quatro as universidades que fizeram parceria com o Instituto Universitário Sophia, uma delas abriu um "*Centro Chiara Lubich para o diálogo*"). O sudeste asiático testemunha que é possível cooperar com as pessoas de várias religiões, com os não-crentes e com aqueles que guardam rancor contra a Igreja. Pode-se dialogar sem impor as próprias opiniões com os jovens que se declaram agnósticos e católicos não praticantes, com os das comunidades LGBTQ e com aqueles que foram afetados por escândalos envolvendo o clero. Na Índia, a comunidade celebra feriados nacionais junto com outros grupos e organiza diálogos inter-religiosos promovidos pelos jovens. Desta forma, preenche-se a lacuna entre adultos e jovens (*Ásia*).

Em nível de comunidade local e de comissão para o ecumenismo foram realizadas ações concretas em termos de diálogo com a comunidade judaica e com a comunidade muçulmana (*Cone Sul*). No Brasil, na Arquidiocese de São Paulo, que promove o diálogo inter-religioso através da *Casa da reconciliação*, há um diálogo significativo com as comunidades judaicas e muçulmanas e com as diferentes expressões do budismo, em particular a *Rissho Kosei Kai* brasileira.

Sentimos a necessidade de aprender mais a compartilhar as nossas vulnerabilidades. Algumas questões são muito difíceis de resolver no contexto político atual. Quando se trata de questões concretas da vida cotidiana, como a política, as questões raciais ou de gênero, nem sempre há espaço para escuta mútua (*América do Norte, Cone Sul*).

O projeto *Economia de Comunhão* (especialmente os seus polos industriais) oferece um espaço significativo para o diálogo com todos (*Europa, Ásia, Oriente Médio, África, Américas*). Por exemplo, nos Camarões há um diálogo cultural frutífero em nível universitário sobre a Economia de Comunhão. Atividades como o "cine-debate" demonstraram ser úteis para o diálogo, especialmente com os não crentes (*Cone Sul*).

### ***Formar-se para o diálogo***

A partir das considerações que surgiram até agora, entendemos que, embora existam muitos percursos formativos em andamento, uma estratégia de formação para o diálogo bem inculturada ainda não foi desenvolvida e não conseguimos promover adequadamente as ofertas de formação que já temos (*Ásia, África, Américas*). Temos também que levar em consideração os espaços alternativos como, por exemplo, ambientes familiares, onde a escuta empática é possível.

Na África, sentimos a necessidade de aprofundar a inculturação, que poderia ser uma "ferramenta" que nos permite conhecer e apreciar o que é bom em nossas culturas e melhorá-las para entrar em diálogo com os outros. As comunidades tentam responder ao sofrimento de suas sociedades com criatividade por meio de obras sociais, ou atividades de apoio a crianças, mães solteiras, jovens, refugiados, retirantes

internos (sendo áreas onde há conflitos), etc. Significativa é a participação das comunidades em todos os momentos importantes da vida que são ocasiões sociais (funerais, casamentos), ou juntando-se a grupos de apoio econômico. Às vezes, porém, «...Vê-se no Movimento um fechamento sobre si mesmo. Precisaria ter mais trabalho social junto com os outros.» (África)

## **2.4. Discernimento comunitário (autoridade e participação, discernir e decidir)**

### ***Participação ativa e processo deliberativo***

*"As consultas sejam mais valorizadas, mas não fiquem só no papel..." (Oriente Médio)*

Em nossas reuniões ordinárias não há votos para uma decisão; em vez disso, tentamos chegar ao consenso máximo, mesmo às custas de reduzir o número de questões sobre as quais concordamos até agora. Queremos que os processos de tomada de decisão sejam o resultado da vida de comunhão entre todos, mas às vezes são complexos. Estruturas organizacionais, hierarquicamente rígidas, por exemplo, "impedem" que as pessoas compartilhem sua própria experiência até o fim, como às vezes acontece com os "aderentes" dos Focolares que, embora não assumam compromissos particulares no Movimento, compartilham seu espírito, objetivos e participam de suas atividades (*Cone Sul*). Para evitar a acomodação passiva, em nossas comunidades locais precisaríamos nos envolver mais em projetos comuns, com todas as gerações, em uma lógica de inclusão e intergeracionalidade. Os jovens podem efetivamente evangelizar e agir não só dentro do Movimento, mas também nas estruturas territoriais da Igreja e nos vários grupos eclesiais, juntamente com outros jovens, com o apoio e a confiança dos adultos (*Europa*). Culturalmente ainda existe um modelo piramidal, mas sentimos que pouco a pouco pode se tornar sinodal (*México, Caribe, América Central e Andina*).

Tendencialmente, há um forte apelo, na teoria e na prática, para envolver todos, de modo que a *liderança* seja participativa. Às vezes, alguns processos de tomada de decisão não são claros, então, o mais forte impõe suas escolhas, ideias ou o grupo de pessoas com mais influência dá orientações não compartilhadas. Acontece assim que opiniões divergentes são quase ignoradas (*África*).

### ***Exercício da autoridade e experiência da fraternidade***

Apesar do que foi destacado até agora, nos últimos anos, notamos que no Movimento e na Igreja houve uma mudança notável na visão do exercício da autoridade, embora existam alguns responsáveis ainda ligados a esquemas passados (pouco sinodais). Daí a importância de cuidar da formação dos responsáveis, para que possamos dar mais confiança e responsabilidade a todos, no que compete a cada um, através de processos de formação, comunicação, delegação e acompanhamento (*Europa, Ásia, Américas, África*). *A autoridade é exercida de maneira cada vez menos autoritária, prevalece a corresponsabilidade e o caminhar juntos, tendo em mente "aquele*

*amor maior" que Jesus pediu a Pedro. As dinâmicas de governo para nós fazem sentido se acontecerem na presença de Jesus no meio, o único Mestre, guia... Sua presença é sinônimo de generatividade, e isso requer paciência, trabalho em equipe, humildade, aprender com os erros, saber delegar» (Europa). No entanto, na América do Norte, experimentamos em nossas igrejas locais uma tensão entre duas atitudes: 1) o abuso de autoridade (ainda presente de forma mais ou menos manifesta); 2) o desrespeito à autoridade. Somos duramente atingidos por desafios relacionados à autoridade eclesiástica ou religiosa (na sequência dos escândalos causados pelos abusos por alguns membros do clero). Nas comunidades norte-americanas é difícil encontrar o equilíbrio entre realismo e ingenuidade, entre reflexão crítica sólida e triunfalismo obtuso ("a Igreja tem sempre razão"). Na Ásia, por outro lado, há um grande respeito pela hierarquia e as decisões são frequentemente tomadas por alguns líderes, que geralmente são mais velhos em termos de idade ou de hierarquia. Isso leva a uma escassa consulta e desconforto entre os jovens. A região do sudeste asiático e o Paquistão observaram que sua cultura, às vezes, não favorece a franqueza necessária para o discernimento comunitário. No leste asiático, amplamente enraizado na cultura confucionista, essa atitude é ainda mais evidente.*

*«O processo decisório não consegue elaborar o fruto de uma vida de comunhão-fraternidade, baseada na sinceridade, na colaboração e na atenção à inclusão de todos, num verdadeiro espírito de família» (Índia). Do Brasil, sugere-se criação de um laboratório para aprender a ouvir e falar livremente, para melhorar em particular a escuta dos jovens.*

## **2.5 A contribuição específica do Movimento dos Focolares**

### ***Ser homens e mulheres sinodais***

*«Uma igreja sinodal só se realiza se for composta por "pessoas sinodais", ou seja, pessoas que adotaram um estilo de vida que inclui comunhão, participação e missão e que o colocam em prática em suas vidas diárias (dentro do Movimento, na família, nos compromissos profissionais e sociais, como membros das igrejas). Talvez a contribuição mais importante do Movimento para uma Igreja sinodal seja a vivência e o fortalecimento da prática da espiritualidade de comunhão.» (Europa Oriental)*

Das contribuições recebidas das várias áreas geográficas do mundo, vemos que a espiritualidade da unidade que anima o Movimento busca formar "pessoas sinodais" para além das origens geográficas e culturais, mas que com o tempo, podem assumir "tonalidades" diferentes de acordo com os diferentes continentes.

Uma primeira tipicidade é a modalidade relacional que os membros dos Focolares chamam "fazer-se um" (cf. 1Cor 9, 19-23), ou a capacidade de se identificar com o outro para sentir com ele alegrias e tristezas. Desta forma, a contribuição significativa que parece reconhecida é valorizar o positivo dos outros, *«apreciar os carismas dos outros, alimentando a fraternidade universal.» (Itália)* Este estilo, apreciado tanto no âmbito

eclesial quanto civil, forma a base das relações e iniciativas realizadas pelo Movimento.

### ***Dialogar sentindo-se parte da humanidade como um todo***

O Movimento dos Focolares, que tem como finalidade contribuir para a realização da unidade como testamento de Jesus e finalidade da Igreja (cf. Jo 17, 21), concretiza esta vocação através dos diálogos. O seu carisma a serviço da unidade encoraja os membros a se envolverem nos vários âmbitos eclesiais, trabalhando em vários organismos diocesanos: pela proteção e tutela dos menores e das pessoas vulneráveis (*Cone Sul*), para a família (*Europa, Américas, Ásia, África*), para a evangelização do social (*Cone Sul*), na catequese (*Europa, Américas, Ásia, África*), nas comissões diocesanas e nacionais de ecumenismo e diálogo inter-religioso, etc. A relação fraterna com outros movimentos e comunidades eclesiais que compartilham iniciativas, desafios e perspectivas é muito significativa.

A experiência de diálogo promovida entre os cristãos das diferentes igrejas desenvolve-se em vários países. Na Europa, a oportunidade de viver o "diálogo da vida" com os membros das igrejas ortodoxas (*Rússia, Romênia, Bulgária, Ucrânia, Sérvia, Bielorrússia, Macedônia do Norte etc.*) e com aqueles de várias igrejas evangélicas... (*Centro e Norte da Europa*). Viver o ecumenismo é um enorme dom recíproco que enriquece também a própria igreja a qual pertencemos. Muitos membros do Movimento em todo o mundo estão inseridos nos organismos diocesanos e nacionais de diálogo ecumênico. Às vezes, a partir desta base, nasce também o diálogo com aqueles que ainda não têm uma relação com a Igreja.

No México, na América Central e Andina e no Caribe, enfatiza-se como o trabalho em sinergia com instituições e outras igrejas evita a autorreferencialidade.

O diálogo inter-religioso parece ser o aspecto mais maduro desenvolvido na região da Ásia: os contatos amigáveis e construtivos com a comunidade muçulmana nas Filipinas, o relacionamento vivo e constante com os budistas no Japão, Tailândia e Taiwan. Na Índia, enfatiza-se que o respeito é o princípio mais importante na base do diálogo e isso não significa diluir a identidade. Nesse sentido, colabora-se com grupos e instituições como a organização sem fins lucrativos *Shanti Ashram*, o grupo filantrópico *Somaiya Sanskrit Peetham* e a Universidade de Mumbai.

Os programas sociais como *Ousar cuidar* e *Laudato Si* envolveram membros de outras comunidades religiosas no sudeste da Ásia e no Paquistão. Assim aconteceu também na América do Sul.

Importante é a contribuição formativa da *Escola de diálogo* com as outras religiões com sede nas Filipinas.

Significativos também são os laços construídos na Terra Santa e em vários países do Norte da África (*em particular na Argélia*) com pessoas e comunidades muçulmanas, ou com instituições judaicas no Cone Sul, América do Norte e na Terra Santa. Existem ainda experiências de diálogo na África com membros de religiões tradicionais.

Há também grupos de diálogo, promovidos pelo Movimento em torno dos valores

humanos, entre crentes e pessoas de crenças não religiosas em vários países do mundo: Espanha, Argentina, Uruguai. Muitos deles participaram do percurso sinodal. Nas famílias formadas por casamentos mistos, o diálogo com pessoas de outras religiões e não crentes é vivido espontaneamente (*Ásia*).

Outras nuances do diálogo podem ser a intergeracional e entre as diferentes vocações e estados de vida. Nesse sentido, como aponta a reflexão do Cone Sul: os encontros do Movimento abertos a todas as vocações e idades (Mariápolis) tornam-se lugares de formação, antes de tudo, para os jovens, as famílias, mas também para os seminaristas, sacerdotes e religiosos.

### ***Juntos e "em saída" para construir a fraternidade universal***

A espiritualidade da unidade leva a uma "escuta" atenta da realidade social com os seus desafios. Uma atenção especial é dada ao compromisso de reunir diferentes associações ou entidades (fora do Movimento) para iniciativas e reflexões concretas em vista da fraternidade (*Oriente Médio*) ou para abordar de forma proativa e consciente os problemas sociais (*Filipinas, Índia, Cone Sul, América do Norte, África*).

O compartilhar projetos e ações é diversificado de acordo com os contextos locais: cuidado com o meio ambiente e conservação dos recursos (*Índia, Filipinas, Cone Sul*); a atenção ao bem-estar dos idosos como reflexo do respeito que se tem por eles, já faz parte da cultura oriental e a consequência do envelhecimento geral da população (*Ásia*); promoção da educação e da cidadania em uma sociedade com falta de sensibilidade aos problemas dos pobres e excluídos (*Brasil*); acolhida dos sem-teto, com uma inclusão ativa em locais com problemas sociais estruturais significativos (*Harlem, Nova Iorque - EUA*) projetos sociais na luta contra o tráfico de seres humanos (*Cone Sul*); respostas de solidariedade organizadas com alto impacto social para os efeitos da pandemia (por exemplo, "*Manos X Pandemia*", no *Cone Sul*), projetos ecológicos e de Ecologia Integral em várias partes do mundo (*Europa, Ásia, Américas, África, Oriente Médio*), etc.

Existem percursos de inculturação (*África*) e interculturalidade (*Ásia, Américas, Oceânia*) que dão respostas às exigências concretas de comunhão eclesial e de missão. Por exemplo, o diálogo intercultural com os diferentes contextos indígenas da América Latina (*Equador, Colômbia, Guatemala, Bolívia, Argentina, Perú, México*, diálogo com populações nativas na Nova Zelândia e nas ilhas do Pacífico. Duas comunidades de pessoas consagradas (Focolares) encontram-se hoje na Amazônia.

O Instituto Universitário Sophia (IUS-Loppiano) está na vanguarda da promoção do diálogo com a cultura acadêmica, realizando projetos de pesquisa em várias áreas: diálogo inter-religioso (por exemplo: *Wings of Unity* com muçulmanos xiitas); com instituições políticas (por exemplo: DIALOP com a esquerda europeia); com as Igrejas Ortodoxas (cátedra Atenágoras); com o mundo das Ciências Físicas e Matemáticas (cátedra Piero Pasolini). Existem também, ligados ao IUS, três centros de pesquisa: *Evangelii Gaudium* (vida eclesial e teologia pastoral), *Política e Direitos Humanos*

(fundamentos da cultura política e jurídica), *Sophia Global Studies* (paz, relações internacionais e diálogo inter-religioso).

Relatamos o Instituto SOPHIA-ALC, com membros de diferentes países da América Latina com atividades de pesquisa sobre a relação entre o carisma da unidade e as diretrizes pedagógicas contemporâneas (no contexto do *Pacto Global sobre educação.*).

Há também um envolvimento no âmbito da política através do Movimento Político pela Unidade na construção de pontes entre pessoas e orientações políticas, e nos processos de reconciliação, conscientizando as pessoas da importância de viver como irmãos e irmãs compartilhando experiências, criando espaços de diálogo e nos aproximando deles (por exemplo, os projetos *Eco4Leaders* e *Juntos por uma Nova África* na África, também vários projetos na Coreia do Sul).

A Economia de Comunhão é um projeto com impacto social, que oferece uma contribuição para a promoção de ideias e ações em vista da luta contra a pobreza e na construção de um empreendedorismo renovado pelo Evangelho. Entre as suas experiências, é relevante o trabalho cultural e científico ligado à *EdC*, realizado pelo Polo Lionello Bonfante (Loppiano, Itália) e pelos polos empreendedorias do Brasil e da Argentina, que também colaboram com a *Economia de Francisco* e com as *Escolas de Economia Civil e Bíblica*.

### ***Promover a igualdade entre homens e mulheres na atividade de governo***

O Movimento dos Focolares pode oferecer a experiência de *liderança* compartilhada entre homens e mulheres, presente desde o seu nascimento. *"Na escuta recíproca, no respeito pela diversidade de pontos de vistas, vê-se quão fecunda é a complementaridade entre homem e mulher."*(Europa Oriental)

«Este modelo, no qual se experimenta a autêntica igualdade entre homem e mulher, poderia ser aplicável a algumas áreas de tomada de decisão e de governo na Igreja.» (Europa Ocidental e Oriental)

## **3. CONCLUSÕES: PRÓXIMOS PASSOS**

### ***Diálogo na Igreja e na sociedade***

«*Não colocar barreiras*», «*Ser pontes, fermento, poliedro*» são as expressões recorrentes, melhorar a abertura às outras espiritualidades e aos outros carismas. Estar prontos não apenas para dar, mas também para receber e aprender com os outros (*Mariápolis permanente de Montet, Suíça*).

«*Ouvir até o fim é um desafio, especialmente para aqueles que se afastam fortemente de nossas ideias. Deveríamos ter uma curiosidade mais genuína e não ter medo de trabalhar juntos em um projeto com o qual concordamos, mesmo que tenhamos*

*divergências fundamentais em outras coisas. Temos que prestar atenção nas vozes dissidentes em um grupo. Temos que valorizar a contribuição de todos.» (América do Norte)*

*«Evitar a autorreferencialidade, com uma escuta profunda que convida ao diálogo, à aceitação sem distinção, à superação de conflitos com a abertura para o 'diferente'.» (México, Caribe, América Central e Andina)*

*«Aprender a viver a unidade na diversidade (...) ter a coragem de enfrentar questões sensíveis e atuais com o coração aberto. Saber estar nas tensões e experimentar a largueza de Jesus em sua misericórdia.» (Europa Ocidental)*

*«Utilizar estilos criativos inéditos, aprimorando os "novos odres" (zoom, redes sociais, etc.) e novas linguagens para viver concretamente o diálogo e a unidade.» (Itália)*

*«Mais abertura e inclusão àqueles que se identificam como LGBTQ.» (América do Norte, Brasil, Europa Ocidental e Central, Cone Sul)*

*«Propomos um diálogo profundo com os não crentes, agnósticos e ateus sobre os valores e princípios fundamentais que nos movem, sobre questões fundamentais. E fazemos isso sem evitar - mas enfrentando - temas até difíceis, nos quais não concordamos, com uma abertura e um acolhimento "desarmado" que nos permitem descobrir em cada um uma profunda interioridade e espiritualidade. Também podemos aprender com eles a sermos cristãos melhores, mais conscientes de que a verdade não é nossa propriedade (uma posse), mas que, juntamente com pessoas de convicções não religiosas, caminhamos para uma verdade que, aos poucos, nos é revelada e que precisa da contribuição de todas as pessoas de boa vontade.» (Pessoas do Movimento engajadas no diálogo entre crentes e aqueles que não têm convicções religiosas)*

*«Como Igreja, temos que encontrar novas formas de comunicação, mais próximas das pessoas, para trazer esperança, propor utopias, proclamar uma sociedade diferente. Em vez de apresentar normas rígidas e mensagens de tradição ou "rebaixar" a doutrina, propor uma mensagem autêntica, vital e utópica, de maneiras atualizadas às necessidades das pessoas de hoje... assumir - como Igreja - os erros cometidos.» (Cone Sul).*

***Criar redes com outras realidades eclesiais e sociais como resposta ao "grito da humanidade"***

Os desafios que surgem são:

*«Melhorar a escuta com aqueles que sofrem.» (Colômbia)*

*«Estimular uma maior conscientização entre nossos membros sobre questões de justiça social e direitos humanos.» (Brasil)*

*«Arriscar-se com os outros: colaborar, juntar forças, envolver-se... assumir as propostas e iniciativas (de outros) como se fossem suas próprias decisões. Diálogo e cooperação com todas as instituições.» (Europa Central)*

*«Maior consciência de que as comunidades do Movimento desejam caminhar com a igreja local, os grupos eclesiais, cristãos de diferentes denominações e crentes de outras religiões para buscar caminhos de colaboração para responder aos desafios da humanidade.» (Ásia)*

### ***Participação de todos e responsabilidade compartilhada. Viver a sinodalidade nos processos de tomada de decisão***

Duas demandas determinantes de nossas comunidades vão na direção de uma maior participação nos processos de tomada de decisão e uma maior capacidade de viver a sinodalidade em nossas comunidades. Trata-se de um exercício sinodal da autoridade na vida eclesial.

*«Crescer na comunicação e no compromisso para estender a participação a todos. Clarificar as modalidades de exercício da autoridade na comunidade.» (Cone Sul)*

*«O processo de tomada de decisão sinodal (...) é um desafio. A experiência mostra que é uma perspectiva enriquecedora e muitas vezes surpreendente.» (Europa Oriental)*

*«Esforçar-se mais para alcançar a liberdade interior; acreditar que o Espírito Santo está em todos e ter a coragem de falar a própria opinião e saber "perdê-la" no diálogo com os outros.» (Europa Central)*

*«Na Ásia, geralmente, em culturas influenciadas pelo confucionismo, a pessoa se depara com uma cultura do silêncio. Também em países onde as pessoas são classificadas por castas e classes, e as vozes daqueles que estão abaixo não seriam ouvidas, o desejo de mudança emerge ainda mais. As comunidades envolvidas no processo sinodal relançam seu pedido de 'parrésia' na comunhão e transparência na comunicação.» (Ásia).*

*«Na Igreja sofremos muito porque não somos ouvidos. A Igreja deveria fazer mais progressos no caminho da escuta e do diálogo na tolerância, por uma Igreja sinodal.» (Oriente Médio)*

*«Até mesmo os nossos sacerdotes têm que perceber que não podem saber tudo, também nós, leigos, temos uma experiência profissional em nossos campos que poderia ser uma riqueza para as comunidades e para a igreja local.» (África).*

*«Que toda decisão seja construída com um processo mais participativo, a partir de baixo. A responsabilidade de cada um torna-se fundamental. Evitar a centralização de tarefas/papéis em poucas pessoas, praticar uma alternância mais frequente e incentivar uma maior disponibilidade das pessoas.» (Cone Sul).*

Das respostas das comunidades dos Focolares em todos o mundo, além disso, vem em evidência um claro apelo à responsabilidade pessoal na vida da comunidade, a necessidade de encontrar maneiras de exercer autoridade e *liderança* em um contexto participativo.

### ***Mudar o nosso olhar sobre os jovens, entrar em relação com eles***

As respostas dos jovens, embora pouco numerosas, foram significativas.

*"Os jovens percebem a Igreja e o Movimento, muitas vezes, entrincheirados e distantes do povo, tendo perdido os espaços para a construção coletiva em que (reside) a essência da mensagem evangélica (a comunhão dos bens, colocar o outro em primeiro*

*lugar, dar a vida pelos outros etc.). Nas situações locais, por outro lado, eles reconhecem que a Igreja ainda é quem anda pelas ruas, nos bairros populares, se interessando pelas pessoas, e essas pessoas nos ouvem e nos apreciam." (Cone Sul)*

*A necessidade de facilitar a participação ativa dos jovens foi enfatizada. Concentrar-se na formação das famílias para formar as novas gerações e melhorar a formação dos sacerdotes nos seminários.» (Itália)*

*"Dar confiança às novas gerações com suas ideias inovadoras. Os jovens têm dificuldade de se envolver em encontros que não são apenas para eles. Há uma necessidade contínua de diálogo com os jovens com os quais a escuta é percebida de maneira mais livre." (Europa)*

*"Prestar mais atenção na interação intergeracional e no apoio aos jovens." (América do Norte)*

*"Como jovens, o que achamos que precisa mudar na comunidade? A atitude! Deve haver sempre uma escuta aberta, deixando espaço para o outro, indo além de suas próprias opiniões. Acreditamos que a 'parrésia' é fundamental, dizer a verdade segundo o que pensamos com total confiança. Em vez disso, quais as coisas que devem ser mantidas? A experiência, porque fortalece a confiança entre nós sem nos sentirmos julgados, a Palavra se encarna na vida cotidiana e não é algo teórico. Todos nos sentimos irmãos, aprendendo uns com os outros, e vemos que todos construímos a comunidade com o mesmo peso." (jovens da Europa Ocidental).*

*"Ser mais abertos aos espaços de oração. Ser compreensivos e abertos a sugestões ou comentários de pessoas de outras religiões. Aceitar o que eles oferecem/compartilham e não se voltar contra eles ou pensar que eles são ruins. Como Igreja, nos tornamos muito ritualísticos e fechados. Teríamos que ser mais abertos e acolhedores."(jovens da Índia)*

*"Desejo comum é 'não colocar barreiras'. É um pensamento dirigido à Igreja, mas também à realidade da Mariápolis permanente e do Movimento."(jovens da Mariápolis permanente de Montet-Suíça).*

### **Pontos importantes que exigem mais discernimento da Igreja**

Algumas contribuições ressaltam os passos adicionais que, como comunidade eclesial, deveríamos dar:

*"É necessária maior humildade por parte da Igreja Católica. É difícil que alguém lhe diga: como você me vê? O que devo melhorar? É um passo que deveríamos dar.» (Brasil).*

*"Valorizar o papel das mulheres. Esclarecer os abusos. Tomar a Bíblia como o fundamento de tudo. Compreender a Igreja também em sua grande variedade de culturas (não dar linhas unicistas).» (Alemanha, Áustria, Suíça).*

*"Muitas pessoas ficam escandalizadas quando veem que a Igreja gasta tanto dinheiro em coisas que parecem desnecessárias para as pessoas (imagens, edifícios desproporcionais)." (África Oriental).*

### **Estruturas da Igreja**

*"Acreditamos que muitos estariam interessados em 'viajar' conosco se se sentissem mais acolhidos e aceitos como são. O Movimento e a Igreja há tempo têm dado passos, mas ainda há sofrimento, o sofrimento do julgamento do outro, de não ter uma estrutura que os acolha... tendemos a concentrar nossas energias na manutenção de nossas estruturas." (América do Norte).*

*"Não deveríamos nos apegar tanto aos esquemas, mas às experiências significativas. Muitas vezes temos ideias pré-confeccionadas (no Movimento e na Igreja) sobre o que é um encontro ou retiro e acreditamos que essas "formas" garantem o "espírito" porque foi assim que fizemos no passado."(Cone Sul)*

Agradecemos ao Pai de todos a experiência feita nestes últimos meses e pedimos ao Espírito Santo que ilumine a sua Igreja, sobre o modelo de Jesus que caminha entre nós, para responder às necessidades mais profundas das mulheres e dos homens do nosso tempo.

*Rocca di Papa, 14 de julho de 2022*

**Equipe sinodal do Movimento dos Focolares**

*Pablo Blanco (Buenos Aires, Argentina), Francisco Canzani (Rocca Di Papa, Itália), Vania Cheng (Hong Kong, China), Don Vincenzo Di Pilato (Bari, Itália), Loli Garca, Lili Mugombozi (Yaoundé, Camarões).*

## Apêndice

### **O MOVIMENTO DOS FOCOLARES**

**O Movimento dos Focolares (Obra de Maria)** é uma associação de direito pontifício o que tem como finalidade específica, a contribuição para a realização das palavras de Jesus: "*Que todos sejam um*" (Jo 17, 21), isto é, alimentar no mundo o espírito de fraternidade entre os povos.

**Fundado por Chiara Lubich** (1920-2008) quando, com pouco mais de vinte anos, se consagra a Deus no auge da Segunda Guerra Mundial. Logo, muitos a seguem e formam a primeira comunidade de pessoas consagradas, celibatárias e casadas, e daqueles que, de acordo com seu estado, compartilham o mesmo espírito.

**Desde o início, de fato, aderem ao movimento nascente** pessoas de todas as culturas, vocações, categorias sociais, etnias, religiões. Estes são principalmente leigos (adultos, famílias, jovens, adolescentes, crianças), mas também religiosos e ministros ordenados.

**Para alcançar uma unidade cada vez mais ampla da família humana**, os Focolares estão abertos ao diálogo com diferentes pessoas e organizações:

- trabalham por uma unidade cada vez maior dentro da Igreja Católica;
- constroem relações de comunhão e realizam gestos visíveis de unidade entre os cristãos de diferentes igrejas;
- procuram continuamente fomentar encontros de fraternidade, através do compromisso comum de viver a chamada Regra de ouro, presente em quase todos os livros sagrados das principais religiões: "*faça aos outros o que você gostaria que fosse feito a você*";
- colaboram com pessoas sem um referencial religioso claro, com base em valores compartilhados orientados para o bem comum;
- comprometem-se a criar espaços de encontro e diálogo nas diversas áreas da cultura, da vida civil, política e social.

**Espiritualidade:** a redescoberta de Deus como amor é a primeira pedra angular da 'espiritualidade da unidade', também chamada de 'espiritualidade de comunhão', baseada na prática da "*mútua e contínua caridade que torna possível a unidade e traz a presença de Jesus na coletividade*" (cf. Estatutos gerais do Movimento dos Focolares). A sua raiz evangélica inspira um modo de vida que contribui para a construção da justiça, da paz e da unidade no mundo.

**Difusão:** o Movimento está presente em 182 países, com centros estáveis em 87 nações. Conta-se aproximadamente 110.000 membros e dois milhões de aderentes.

Através de iniciativas e obras sociais, mais um milhão de pessoas são regularmente alcançadas. Cerca de 15.000 cristãos de 350 igrejas e comunidades eclesiais fazem parte do Movimento, e mais de 12.000 crentes de diferentes religiões e cerca de 1.000 pessoas de convicções não religiosas compartilham, de várias maneiras, a sua espiritualidade e os seus objetivos.

**Presidência:** Na direção do Movimento há uma presidente mulher, auxiliada por um copresidente e por um conselho geral composto por 64 conselheiros, todos com mandato de cinco anos. A atual presidente dos Focolares é Margaret Karram, israelense, de origem palestina e o copresidente é o espanhol Jesús Morán.